

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
MONIQUE RUTLER – “ISTO VAI MUDAR!”: CARTA BRANCA
30 de setembro de 2024

SABATO, DOMENICA e LUNEDÌ / 1990

Um filme de Lina Wertmüller

Realizadora: Lina Wertmüller / *Argumento:* Eduardo De Filippo (peça de teatro) Raffaele La Capria, Lina Wertmüller / *Direção de fotografia* (35mm, cor): Carlo Tafani / *Cenários:* Enrico Job / *Guarda-roupa:* Benito Persico / *Música:* Pino D'Angiò, Greco, António Sinagra / *Montagem:* Pierluigi Leonardi / *Som:* Cesare D'Amico / *Interpretação:* Sophia Loren (Rosa Priore), Luca de Filippo (Don Peppino Priore), Luciano De Crescenzo (Luigi de Ianniello), Alessandra Mussolini (Giulianella), Lucio Amelio (Podestà) e outros.

Produção: Silvio Berlusconi Communications, Reteitalia / *Produtores:* Alex Conti, Carlo Ponti / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa, em 35mm, falada em italiano com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 99 minutos / *Estreia mundial:* Estados-Unidos, 12 de outubro de 1990, Festival Internacional de Cinema de Chicago / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 21 de novembro de 2021 (Siammo Donne – Divas do Cinema Italiano).

Sabato, Domenica, Lunedì surge numa fase tardia da filmografia de Lina Wertmüller, já longe do auge dos anos 70 e 80 em que alcançou relativa visibilidade internacional com filmes, entre outros, de *commedia all'italiana*, **Mimì metallurgico ferito nell'onore** (1972), e **Travolti da un insolito destino nell'azzurro mare d'agosto** (1974), e deixa-se denotar como um filme simples, menos dado a excentricidades e mais focado no material já existente. A realizadora transpõe para a tela a homónima comédia teatral napolitana de Eduardo de Filippo, que teve bastante sucesso internacional na década de 50, transformando-a num filme televisivo aqui abrilhantado pela sua projeção em película. Wertmüller conta com a colaboração continuada de Sophia Loren, com quem já tinha realizado, em 1978, **Fatto di sangue fra due uomini per causa di una vedova. Si sospettano moventi politici** – título aqui resumido e que, por mera curiosidade, é o mais longo da história do cinema.

Loren, nos seus 55 anos, interpreta naturalissimamente o papel de Rosa Priore, mãe de uma família tradicional napolitana, que prepara o seu famoso ragù ao longo de um fim-de-semana para um banquete dominical, enquanto receia ter perdido o afecto do marido, Luca de Filippo, filho do autor da peça e Don Peppino Priore no argumento, dada a irritabilidade constante que ele demonstra na sua presença. A grande casa à beira-mar onde o casal vive com os filhos, o avô e as tias, constitui praticamente todo o cenário do filme, situando-se na comuna italiana de Pozzuoli, perto de Nápoles, onde Sophia Loren chegou a residir na sua juventude, inclusivamente durante a Segunda Grande Guerra, o que poderá ter realçado a aura de familiaridade que emana ao longo do filme.

O tema é antigo, o ciúme conjugal, e a apresentação do filme prefigura o conflito fulcral que o movimenta: enquanto Rosa passeia pelo mercado em busca dos elementos para fazer o seu famoso molho *ragù* no fim de semana, discutindo com a população sobre a essência da receita numa demonstração de típico orgulho italiano, Don Peppino esconde suspeitamente um revólver na algibeira antes de se dirigir para casa. A agitação aumenta progressivamente, à

medida que o marido descarrega em todos os membros da família sem razão aparente, criando uma série de mal-entendidos e provocando um mal-estar geral cujos contornos apenas se definem com a entrada de Luigi Iannello (Luciano De Crescenzo), o carismático e expansivo professor e vizinho que Peppino vê como rival imaginário. A tragicomédia dá lugar a um drama real ao longo do almoço do dia seguinte, no qual Rosa é acusada de traição com Iannello, insurge-se e colapsa de desgosto, provocando uma súbita e triste consciencialização do marido.

Se a teatralidade desta reinterpretação cinematográfica, que foca a maioria dos seus enquadramentos no seguimento do diálogo, nas personagens que no seu espaço interagem e na sucessão de discussões de tom semelhante, se reflete numa certa monotonia narrativa, regra que excetua os planos melancólicos da solidão de De Filippo, esta é parcialmente salva pelo seu ambiente humorístico e pela leveza familiar que acompanha os momentos relativos aos diversos membros que povoam a casa Priore. As histórias paralelas dos filhos (entre os quais se destaca Alessandra Mussolini, sobrinha de Loren e neta do antigo ditador Italiano), e as conversas informais das tias que a tudo assistem e tudo comentam, cortam a linha primária da história e constituem uma coreografia dos diálogos que respeita uma visão de grupo muito própria à cinematografia de Wertmüller, ainda que numa versão mais contida.

A catástrofe familiar termina com uma dupla reconciliação. Afinal, todo o conflito é imaginário e uma comédia assim não poderia senão ter um final feliz. Depois de uma noite de melancolia e de um *flashback* pouco inventivo que o leva a rememorar o seu passado com a mulher, Don Peppino apresenta as suas desculpas a Iannello e atira a sua *arma de Tchekov* ao mar, livrando-se simultaneamente da culpa e da artimanha narrativa, e exprime os seus remorsos junto de Rosa. Concluem que a origem dos seus malogros é o amor que nutrem, e, como a metáfora muito explícita no filme indica, que uma relação é como o *ragù*, que deve ser cozinhado com muito cuidado e atenção, em lume brando.

Manuel João Montenegro